

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MATO
GROSSO DO SUL IFMS
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS**

**A TROCA ENTRE 'MIM' E 'ME' NO PORTUGUÊS FALADO E ESCRITO:
Causas e Implicações no Ensino de Língua Portuguesa**

Renilson da Silva Santos¹

Marcos Luiz Berti²

RESUMO

Este artigo discute a troca entre os pronomes "mim" e "me" no português falado e escrito, como em expressões do tipo "para mim fazer", que são comuns, mas consideradas incorretas na norma padrão da língua. A pesquisa buscou entender por que esse uso acontece, analisando fatores como o modo de falar das pessoas, as variações regionais e as falhas no ensino da gramática. Foram utilizados como base exemplos da fala cotidiana, textos de alunos e, também, a observação de como a língua portuguesa é ensinada nas escolas. O estudo mostra que, mais do que corrigir de forma rígida, é importante ensinar de maneira acolhedora, respeitando as formas populares de expressão. O objetivo é ensinar a norma culta sem desvalorizar a linguagem dos alunos, promovendo um ensino mais justo e sem preconceito linguístico. Para embasar o trabalho foram escolhidos autores com obras publicadas na área como Lobov (2008), Lucchesi (2009), Bagno (2007), e Cintra e Cunha (2017). Além disso, outros trabalhos acadêmicos foram utilizados para sustentar teoricamente esta pesquisa: Albuquerque e Silva (2024) Silva (2023) e Albuquerque (2025) Kleiman (2008,) Neves (2003).

Palavras-chave:

Linguística, ensino de português, variação linguística, preconceito linguístico, pronomes

ABSTRACT

This article discusses the interchange between the pronouns "mim" and "me" in spoken and written Portuguese, as in expressions like "para mim fazer," which are common but considered incorrect in the standard language norm. The research aimed to understand why this usage occurs, analyzing factors such as individuals' speaking patterns, regional variations, and shortcomings in grammar instruction. The study used examples from everyday speech, students' texts, and classroom observations of how Portuguese is taught in schools. The findings show that, rather than rigidly correcting these forms, it is important to teach in a supportive way that respects popular modes of expression. The goal is to teach the standard norm without devaluing students' language, promoting a fairer and prejudice-free education. To support the study, authors with published works in the area were selected, including Lobov (2008), Lucchesi (2009), Bagno (2007), and Cintra & Cunha (2017). Additionally, other academic works were used to provide theoretical support for this research: Albuquerque & Silva (2024), Silva (2023), Albuquerque (2025), Kleiman (2008), and Neves (2003).

Keywords:

Linguistics, Portuguese teaching, linguistic variation, linguistic bias, pronouns.

Data de aprovação: ____/____/____.

¹ Especialista em Ensino de Humanidades e Linguagens. Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Dourados, MS, Brasil. E-mail: renilsonsil263@gmail.com

² Doutor em Filologia e Linguística Portuguesa. Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Dourados, MS, Brasil.

INTRODUÇÃO

A língua que se fala em comunidades periféricas e menos favorecidas, nas comunidades quilombolas e nos meios rurais não está nos livros, mas está viva, carregada histórias de luta, ausência e sobrevivência. Quando um aluno diz “pra mim fazer”, ele não está apenas trocando um pronome, ele está traduzindo o mundo onde cresceu, a escola que (não) teve, o pouco que ouviu sobre gramática e o muito que aprendeu com a mãe, o pai, os vizinhos e até com a rua.

Assim com destaca Lucchesi (2009), esse fenômeno acontece porque o português brasileiro (PB) mescla-se ao longo do tempo com outros idiomas, como a das mais de mil línguas faladas pelos povos indígenas que já habitavam no território e, em seguida, com as cerca de 200 línguas faladas pelos povos africanos que foram trazidos ao Brasil como escravos. Nesse sentido, fica evidente que as trocas existentes entres os falantes dos diferentes idiomas, contribui para a variações linguísticas presentes, nesse caso, no Brasil.

Outro ponto que deve ser levado em consideração, visto que influencia diretamente no processo de variação linguística do país, ainda segundo Lucchesi são os aspectos sociais, pois com essa delimitação de classes vem com isso o que se entende como os falantes da norma culta da língua e aqueles que fala de forma popular, de maneira coloquial. O autor ainda afirma que o país está no pódio no tocante às questões referentes às desigualdades sociais. Dessa maneira, pode-se afirmar que há uma maior facilidade para que as variações na língua sejam notadas com frequência.

Assim sendo, o panorama da história sociolinguística do Brasil que se apresenta neste capítulo focaliza as condições históricas que determinaram essa clivagem na realidade linguística brasileira, com particular destaque para as situações de contato entre línguas que estão na base da formação da norma linguística popular, o padrão linguístico atual da grande maioria da população do país. (Lucchesi, p. 42, 2009)

Outro autor que colabora com esse pensamento é Lobov (2008). Ele afirma que por ser concretizada a partir de comportamentos sociais a língua sofre diferentes influências, posto que é utilizada pelos falantes em contextos que vão desde o social, como emocional. Nesse sentido, é possível a partir dessa visão, justificar o porquê que os estudantes adquirem essa maneira de falar e a replicam em qualquer ambiente, já acabam não tendo noção da existência da norma culta e quando se pede o uso mais formal da linguagem.

A língua é uma forma de comportamento social: declarações neste sentido podem ser encontradas em qualquer texto introdutório. Crianças mantidas em isolamento não usam a língua; ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros. (Lobov, p. 215, 2008)

Nesse contexto este trabalho se faz necessário, pois nasce do chão da escola pública, onde a maioria dos alunos vem das periferias e do interior, marcados por um contexto de pobreza cultural, social e financeira, e pela intersecção de povos diferentes, levando em consideração a diversidade de etnias que povoaram o Brasil. São estudantes que enfrentam não só a falta de acesso, mas também a falta de escuta. A fala deles, muitas vezes, é corrigida com dureza, como se errassem por escolha, quando na verdade carregam nas palavras o reflexo das desigualdades que os cercam.

A problemática que orientou esta pesquisa foi a persistente tensão entre a norma culta da língua portuguesa e as variações linguísticas presentes na fala desses estudantes. A dificuldade que professores têm em lidar com usos populares, como a troca entre “mim” e “me”, resulta em correções que, longe de promoverem aprendizagem, acabam reforçando o preconceito linguístico e a exclusão social dentro do ambiente escolar. Dessa maneira, estudo parte da seguinte questão: quais razões levam estudantes do 9º ano E, da Escola Municipal João Batista dos Santos, localizada em Petrolina/Pernambuco a trocarem os pronomes pessoais oblíquos “me” e “mim”?

Alinha à pergunta norteadora, surge a obrigatoriedade de apresentar a relevância do trabalho. Assim, a justificativa deste estudo está na necessidade urgente de repensar as práticas pedagógicas, tornando-as mais inclusivas e respeitosas em relação às diversidades linguísticas dos alunos. Ao reconhecer e valorizar a língua que eles trazem, cria-se uma ponte entre suas realidades e o ensino formal, tornando a educação um espaço de acolhimento e não de exclusão.

O objetivo principal desta pesquisa foi analisar as razões sociolinguísticas que levam à troca dos pronomes “mim” e “me” no português escrito e falado por alunos residentes de alguns bairros periféricos da cidade de Petrolina, no sertão pernambucano como, São Gonçalo, Parque São Gonçalo, Jardim Petrópolis, e Nova Petrolina. investigando as implicações desse fenômeno para o ensino da língua portuguesa. Buscou-se, ainda, apresentar caminhos pedagógicos que possam integrar a norma culta e a variação popular de maneira respeitosa e eficaz.

Como explica Bagno (2007), “o preconceito linguístico é uma forma de violência simbólica que impede milhões de brasileiros de se sentirem pertencentes ao espaço escolar”. Esse julgamento linguístico reforça a exclusão, transformando a escola em um lugar onde muitos não se reconhecem, nem como falantes, nem como sujeitos.

A troca entre “mim” e “me”, que tantos professores corrigem com pressa, revela mais do que um suposto erro gramatical: revela a distância entre o que se ensina e o que se vive. A escola, ao insistir num português idealizado, muitas vezes se esquece da língua real, que pulsa nos corredores, nos bilhetes trocados, nas conversas de esquina.

A linguagem popular não é errada, é apenas diferente. Errado é desprezar a fala de um povo como se ela fosse inferior ou desnecessária. Todo modo de falar tem uma lógica, tem raízes, tem história (Bortoni, Ricardo, p. 89, 2005).

Nesse sentido, ensinar português vai além da norma: é um gesto político, de acolhimento. Kleiman (2008,) lembra que “a escola precisa reconhecer o aluno como sujeito de linguagem, com sua história, sua cultura e seu modo de dizer o mundo”. Só assim será possível construir uma aprendizagem significativa e inclusiva, que respeite os territórios linguísticos de cada sujeito.

A Linguística Aplicada nos oferece esse caminho: uma educação que não impõe, mas compartilha. Uma escola que não cala, mas escuta. Ao olhar com mais cuidado para o uso do “mim” e do “me”, este trabalho pretende mostrar que a língua também é território. E como todo território, precisa ser respeitado.

Isso não quer dizer que eles (os estudantes) não precisam aprender a falar e escrever respeitando os padrões da Norma Culta da Língua Portuguesa, é de ciência de todo o corpo escolar que existe sim essa necessidade, não obstante é preciso ter uma estratégia pedagógica humana e assertiva, sem desconsiderar a realidade de cada aluno.

O QUE SÃO PRONOMES PESSOAIS?

Assim como aponta Albuquerque (2025), em sua dissertação de mestrado, os pronomes pessoais são palavras que representam ou substituem os nomes das pessoas no discurso, exercendo papel essencial na estruturação das frases. Eles indicam as pessoas do discurso: quem fala (primeira pessoa), com quem se fala (segunda pessoa) e de quem se fala (terceira pessoa). Dividem-se em pronomes do caso reto como “eu”, “tu”, “ele/ela” “nós”, “vós” e “eles/elas”, usados normalmente como sujeito das orações; e pronomes oblíquos como “me”, “mim”, “te”, “ti” “se” “nos” e “vos”, usados principalmente como complementos verbais.

Apesar de parecer uma classificação simples, os usos reais desses pronomes variam bastante no português escrito e falado nas diferentes regiões do Brasil. Muitas vezes, o que é visto como “erro” é, na verdade, uma marca de pertencimento linguístico e identidade cultural. Conforme explica Maria Helena de Moura Neves,

A língua é feita de variações. O que muitas vezes se chama de ‘erro’, na verdade, é uma forma natural da fala que carrega identidades, marcas sociais e afetivas (NEVES, 2003, p. 87).

Compreender os pronomes é também compreender as relações sociais e afetivas dos falantes com sua língua. Cada modo de falar está ancorado em vivências e territórios. Por isso,

o ensino desses elementos deve ser feito com escuta, sensibilidade e, sobretudo, sem julgamentos que desqualifiquem a fala popular.

QUANDO USAR “MIM” E QUANDO USAR “ME”?

Os pronomes “me” e “mim” pertencem à classe dos pronomes pessoais oblíquos, mas ocupam funções diferentes (Albuquerque, 2025). De acordo com a autora, “Me” é um pronome oblíquo átono que acompanha o verbo, funcionando como objeto direto ou indireto, e aparece geralmente antes do verbo, como nos exemplos: “Ele me viu ontem” e “Me deram uma oportunidade”. Já “mim” é um pronome oblíquo tônico, usado após preposições e nunca diretamente antes de verbos no infinitivo, como em “Ele falou para mim” e “Deu um presente para mim”.

Ainda de acordo com a autora, a norma culta da língua portuguesa prescreve que o pronome “mim” não deve exercer a função de sujeito de um verbo no infinitivo. Dessa forma, expressões como “para mim fazer” são consideradas gramaticalmente incorretas. O correto seria “para eu fazer”. Contudo, na prática, especialmente no português falado em comunidades periféricas e rurais, a distinção nem sempre é rigorosamente seguida, dando origem a usos que a norma considera “incorretos”, como “ele mim amou”.

Dessa Bem sabemos que os pronomes oblíquos empregados como sujeito em orações infinitivas iniciadas por para são fortemente condenados pelas gramáticas tradicionais. Como uma tentativa de explicar o uso da função para+mim+infinitivo (Silva, p.16, 2023)

O fenômeno da troca ou uso inadequado dos pronomes não deve ser interpretado como falta de conhecimento, mas como uma variação legítima da língua que reflete aspectos sociais e culturais do falante. Bagno (2007) destaca a importância de reconhecer essa diversidade para que a escola não seja um espaço de exclusão linguística:

A escola não deve ensinar que o jeito do aluno falar está errado. Deve mostrar que existem diferentes formas de se dizer a mesma coisa, e que conhecer todas elas é uma forma de ampliar os próprios horizontes (Bagno, 2007, p. 110).

Essa compreensão é fundamental para evitar que o aluno interiorize um sentimento de inadequação e exclusão, que frequentemente acontece quando sua fala é corrigida com dureza ou ironia. Ao contrário, a valorização da fala do aluno como expressão legítima deve estar presente na prática pedagógica. “A escola precisa mostrar que o aluno não fala errado. Ele apenas fala diferente. E essa diferença deve ser entendida como riqueza, não como problema.” (Cagliari, p. 44, 2009)

O ensino do uso correto de “mim” e “me” deve ser contextualizado, explicando as funções gramaticais e os contextos em que cada forma é esperada, especialmente em situações formais, como redações e provas. No entanto, é crucial que essa explicação seja feita com empatia e respeito pela diversidade linguística do aluno, evitando a imposição rígida da norma culta que desvaloriza outras formas legítimas de falar.

Exemplos práticos do uso de “mim” e “me”

Uso correto:

- Ele me viu na festa.
- Ela me chamou para conversar.
- Ele falou para mim sobre o problema.
- O presente foi dado para mim.
- Vou fazer o trabalho para eu entregar amanhã.

Uso incorreto, comum na fala popular:

- Ele mim amou.
- Pra mim fazer a tarefa.
- Me deu um presente.
- Ela falou mim.

Analisando o exemplo “ele mim amou”, a norma culta determina que o pronome correto seja “me”, pois neste caso, o pronome exerce função de objeto direto e deve preceder o verbo: “ele me amou”. Já a construção “pra mim fazer” deveria ser “para eu fazer”, pois o sujeito do verbo no infinitivo exige o pronome do caso reto “eu”. De acordo com Cunha e Cintra (2017) esse ocorre devido uma modificação na forma de escrita e/ou fala que a norma culta preconiza, com a linguagem coloquial utilizada pelos falantes do português brasileiro.

Observação:

Do cruzamento das duas construções perfeitamente corretas:

Isto não é trabalho para eu fazer e

Isto não é trabalho para mim,

surgiu uma terceira:

Isto não é trabalho para mim fazer,

em que o sujeito do verbo no infinitivo assume a forma oblíqua. A construção parece ser desconhecida em Portugal, mas no Brasil ela está muito generalizada na língua familiar, apesar do sistemático combate que lhe movem os gramáticos e os professores do idioma. (Cunha e Cintra, p. 312, 2017)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse trabalho se consolidou a partir da análise de textos produzidos por cinco alunos do 9º ano E do ensino fundamental da Escola Municipal João Batista do Santos, ligada à Secretaria de Educação de Petrolina/PE. Os discentes tinham faixa etária que varia entre 14 e 15 anos de idade. O estudo revelou a presença significativa da troca entre os pronomes “me” e “mim”. Entre os textos observados, quatro apresentaram a substituição do pronome “me” por “mim”, enquanto um deles registrou o uso inverso, ou seja, a troca do “mim” por “me”.

Esses dados refletem um padrão comum na oralidade popular que, por vezes, se estende para a escrita. A dificuldade em distinguir as funções sintáticas de cada pronome está relacionada não apenas à complexidade da norma gramatical, mas também ao modo como a língua é socialmente vivida e aprendida pelos alunos. Assim como aponta Silva (2023):

A construção com mim é muito conhecida e usada tanto na fala de pessoas menos letradas como por falantes com nível superior de escolaridade, mas é condenada pelas gramáticas tradicionais e mecanicamente ensinada como incorreta nas escolas. (Silva, p.11, 2023)

Como ressalta Bagno (2007,), a escola frequentemente corrige esses usos sem considerar o contexto de formação dos estudantes, o que acaba reforçando barreiras ao invés de construir pontes. Do mesmo modo, Cagliari (2009,) destaca que ensinar a norma culta não deve ser um ato de repressão, mas de ampliação dos repertórios linguísticos dos falantes.

Esse pensamento é compartilhado e diz muito do que é vivenciado hodiernamente dentro das escolas brasileiras, o que reflete muitas vezes na quebra do processo no processo de ensino e aprendizagem. De fato, é necessário instruir o aluno acerca do uso dos pronomes em questão considerados correto para a norma culta, não obstante, é um trabalho que deve exigir cuidado e empatia.

“A escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma ‘certa’ de falar a que se parece com a escrita e o de que a escrita é um espelho da fala e, sendo assim, seria preciso ‘consertar’ a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.” (Bagno, 2007, p. 27)

Os resultados aqui apresentados não devem ser interpretados como simples falhas, mas como pistas que ajudam a compreender o percurso linguístico de sujeitos historicamente marcados por contextos de exclusão educacional. Para Neves (2003,), “compreender o uso da língua é também compreender o lugar social dos falantes e suas trajetórias de letramento”.

Dessa forma, a discussão sobre os pronomes “me” e “mim” precisa ser conduzida com acolhimento, empatia e compromisso social. Mais do que corrigir, o papel da escola deve ser o

de ensinar com respeito, reconhecendo na fala dos alunos um ponto de partida legítimo para a aprendizagem da norma culta.

Vejamos a foto dos textos dos alunos:

também é a minha vida
ela é minha educadora
mas também minha professora
ela me ensina muito
sobre coisas desse mundo.

Minha mãe fala que esse mundo é injusto
ela fala que os pobres sempre fica por último
ela me dá amor
e me acha importante
Mas quando farto raiva a ela
falta me jogar no instante.

Fonte: Autor (2025).

um Polígrafo mais não gosto de ir para escola
mais para eu conquistar o que eu quero ter
que estudar e fazer faculdade nenhuma pessoa
deveria ser paga de tudo (para mim conquistar) o
que eu quero e ter muitas famílias com pag.
que ninguém bate e não sendo no meu sonho
que me dá me para no meu sonho que me dá
moeda para meu sonho vai tentar estudar até
o fim de tudo vai do mesmo jeito melhor por
muito mais vai falar muito e vai viver em
 paz no mesmo caso que ninguém bate e não sendo
no meu sonho. que se ele quiser vai da tudo
canta vai ter fe em Deus e estudar muito
para eu conquistar o que eu quero no mesmo jeito
que ele consegue muito e meu sonho.

Fonte: Autor (2025).

no 9º ano de ensino fundamental 2º contarei
o Sul do Luto Ror meu Futuro Luto Faz
Faculdade sobre dirito, para mim tr uma
boa condição financeira eu não dependo
de ninguém sou eu mesma, meu modo é não
conseguir ser alguma coisa na vida (é o Sul min)
em Ror e concentração no Sul eu Luto Ror minha

Fonte: Autor (2025).

O que não limita a quem eu sou de verdade não se preocupa por
que tem pessoas no mundo que fogem os olhos sem saber quem somos
isso no limite a quem sou, não é por isso (que eu sou de
limite por quem sou)

Fonte: Autor (2025).

Fonte: Autor (2025).

Uma proposta de Sequência Didática para ensino do uso dos Pronome ME e MIM

Tendo conhecimento de que muitos alunos enfrentam dificuldades para aprender o conteúdo em questão, o presente trabalho tem como objetivo geral desenvolver um Sequência Didática (SQ), conceito que será discutido no decorrer do trabalho. A intenção é facilitar o processo de aprendizagem dos alunos sobre Gêneros Textuais, em específico, a reportagem, uma vez que o gênero em questão é do campo do jornalismo e muitos estudantes apresentam dificuldades na absorção do conteúdo.

Desta forma, torna-se necessário trabalhar com os alunos este gênero textual. É importante abordar a temática de forma lúdica, descontraída e, assim, prender a atenção dos discentes, instigando a participação de cada um, a fim de efetivar o processo de ensino aprendizagem. De acordo com Dolz; Noverraz; Schneuwly (2004), a sequência didática é uma estratégia pedagógica que consiste na aplicação de uma série de atividades, que têm como objetivo ajudar o discente a dominar e aprimorar um determinado conteúdo, que o permitirá escrever e/ou falar de forma mais adequado em qualquer situação comunicativa.

Ainda de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), de forma sucinta a SD é: “um conjunto de atividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Dessa forma, trabalhar conteúdos referentes à reportagem, torna-se muito mais simples, ao mesmo passo que eficaz.

(...) Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características: 1. ele se constitui uma síntese com objetivo prático, destinada a orientar as intervenções dos professores; 2. ele evidencia as dimensões

ensináveis, com base nas quais diversas seqüências didáticas podem ser concebidas. (Schneuwly, Dolz e Noverraz, 2004, p. 82)

Os autores defendem uma metodologia assertiva que seja baseada nos princípios da empatia, ou seja, o professor em sala de aula, não deve desconsiderar a bagagem sociocultural do aluno, de maneira que deve planejar as atividades, tendo ciência da particularidade de cada aluno. Nisso a SD, também, contribui, pois possibilita e propõe que o professor busque atividades que englobam a realidade cotidiana e conhecimento do mundo dos estudantes (Schneuwly, Dolz e Noverraz, 2004).

A partir disso foi pensada uma sequência didática que contemple o conteúdo em questão. Essa SD é, de alguma forma, contextualizada com a realidade dos alunos, já que foi construída a levando em consideração que os estudantes residem em comunidades periféricas, assim traz questões que envolvem as falas e escritas dos alunos no seu ambiente escolas, da forma que trazem do seu convívio social, bem como, músicas que, geralmente são oriundas de comunidades periféricas e, acabam repercutindo em bairros da periferia de todo o território brasileiro.

Sequência didática – Uso do ME e do Mim

1 “Reescreva o texto, corrigindo o uso dos pronomes *me* e *mim* de acordo com a norma padrão.”

Na quebrada onde moro, sempre dizem para me correr atrás dos meus sonhos, mesmo quando tudo parece pesado para me. Para eu enfrentar a rotina, acordo cedo e sigo firme, mas muitas vezes mim sinto fraco e faltam oportunidades para me. As responsabilidades acabam ficando para mim, e depois cobram resultados de mim, como se fosse fácil. Aqui na comunidade, todo mundo aprende a se virar, mas ninguém deveria carregar tudo sozinho. Ainda assim, continuo acreditando que a mudança começa quando dão voz para me e deixam de jogar tudo em cima de me e em alguns momentos virarem as costas para mim,

2 Complete as lacunas com MIM ou ME, de acordo com a norma padrão:

Na comunidade onde vivo, sempre dizem para _____ esforçar mais, mesmo quando tudo pesa para _____. As dificuldades não impedem _____ de seguir em frente, mas às vezes cobram de _____ resultados que não dependem só de _____. Ainda assim, sigo firme, esperando que alguém possa ajudar _____ a mudar essa realidade.

3 Encontre as frases abaixo no caça palavras.

I	S	S	O	É	P	A	R	A	M	I	M	B	O	E	X	R	P	E	C	T	R	U	S	T	I	M	M	U	C	I	L	B	O	M	X	R	P	E	C
O	M	M	U	O	I	C	A	T	I	O	N	O	X	L	H	G	E	O	U	E	L	E	V	A	I	M	E	R	E	S	P	E	I	T	A	R	E	O	U
Y	T	I	L	M	B	I	T	A	P	M	O	C	R	B	Y	T	I	N	I	Y	T	I	L	I	B	I	T	A	P	M	O	C	R	E	Y	T	I	N	I
A	R	E	T	E	A	P	I	H	S	D	N	E	I	F	F	U	O	V	T	A	R	E	T	N	A	P	I	H	S	D	N	E	I	R	F	U	O	V	T
M	O	R	P	U	O	C	I	M	A	T	N	I	A	H	T	R	E	S	A	M	O	R	P	M	O	C	I	M	A	T	N	I	A	L	T	R	E	S	A
I	F	Y	T	A	E	N	O	H	R	D	L	D	E	L	N	O	M	M	Y	I	S	S	O	N	Ã	O	M	E	I	N	T	E	R	E	S	S	A	M	Y
T	A	E	S	M	E	S	S	E	P	R	E	S	E	N	T	E	É	P	A	R	A	M	I	M	S	S	U	P	P	O	R	T	E	P	E	I	R	F	S
C	T	P	I	I	E	L	A	F	A	L	O	U	D	E	M	I	M	N	A	R	E	U	N	I	Ã	O	M	T	R	E	V	O	L	M	A	R	T	P	E
I	L	R	F	G	S	S	F	S	P	F	E	F	F	D	N	A	O	C	N	I	L	R	F	T	S	S	F	S	P	F	E	F	F	E	N	A	O	C	N
O	P	A	R	O	N	E	R	R	E	K	O	T	P	H	T	E	M	O	C	O	P	A	R	T	N	E	R	R	E	K	O	T	P	A	T	E	M	O	C
M	M	T	Y	M	T	A	T	I	M	M	I	T	I	M	R	A	T	I	M	M	M	T	Y	I	T	A	T	I	M	M	I	T	I	A	R	A	T	I	M
E	L	A	M	E	C	H	A	M	O	U	P	A	R	A	C	O	N	V	E	R	A	R	R	E	P	S	E	R	D	N	E	I	R	F	S	M	O	R	P
R	S	R	O	A	M	I	T	N	E	M	M	O	C	N	I	T	A	M	U	R	S	R	O	M	M	I	T	N	E	M	M	O	C	N	I	T	A	M	U
T	E	I	T	J	E	M	M	I	T	M	O	C	I	I	M	A	T	N	I	T	E	I	T	N	E	M	M	I	T	M	O	C	I	I	M	A	T	N	I
I	E	R	T	U	C	I	L	B	U	P	E	R	P	O	C	M	M	U	N	I	E	R	T	I	C	I	L	B	U	P	E	R	P	O	C	M	M	U	N
B	M	M	E	D	I	S	S	R	A	M	Q	U	E	A	P	R	O	V	A	F	O	I	A	D	I	A	D	A	H	Y	T	I	L	A	P	O	R	T	P
E	S	S	E	A	R	T	S	E	M	O	R	P	M	O	C	E	L	E	S	F	I	Z	E	R	A	M	T	U	D	O	P	O	R	M	I	M	L	I	A

Ela me chamou para conversar depois da aula
Meu amigo me ajudou quando eu mais precisei.
Isso não me interessa agora.
Me disseram que a prova foi adiada.
Ele vai me respeitar, gostando ou não.

Isso é para mim.
Ela falou de mim na reunião.
Eles fizeram tudo por mim.
Esse presente é para mim, não para você.

4 Julgamento linguístico - Marque V (verdadeiro) ou F (falso) e justifique:

- () O uso de “pra mim fazer” é comum na fala cotidiana.
- () Esse uso é considerado adequado na norma padrão.
- () A forma como falamos define nossa inteligência.
- () A escola deve ensinar a norma padrão sem desvalorizar a fala da comunidade.

5 Reescreva a letra da música, corrigindo o uso dos pronomes *me* e *mim* de acordo com a norma padrão.

Tudo Cai Pra Mim (música autoral – uso pedagógico)

Na viela me chamam cedo, dizem que é pra me lutar
Os problemas vêm pra mim, ninguém quer me ajudar
Falam que confiam mim, mas cobram tudo de mim
Quando a resposta aperta, jogam tudo pra me decidir
Na quebrada aprendi cedo a me aguentar
Mas dizem que pra mim sonhar eu tenho que me calar
O sistema pesa pra mim, mas não quer me ouvir
Quer que mim resolva tudo sem nunca me instruir

Refrão:

Tudo cai pra mim, ninguém vem por me salvar
Dizem que é comigo, mas não param pra me escutar
Pra mim seguir em frente, tenho que resistir
Mesmo quando o mundo inteiro vira as costas pra mim

6 Agora escreva 10 frases com o uso do *mim* e/ou do *me* você escuta comumente em sua casa ou em seu bairro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A troca entre “mim” e “me” ultrapassa uma simples dúvida gramatical e revela questões profundas sobre identidade, pertencimento e reconhecimento social. Corrigir a fala do aluno sem compreender seu contexto é como arrancar uma planta do seu solo, perde-se a raiz, o sentido e a história que aquela fala carrega.

A partir do desenvolvimento do trabalho constatou-se que esse fenômeno da troca do ME por MIM e vice e versa, se dá por alguns fenômenos. Assim como aponta Lucchesi (2009), um deles é o contato do português brasileiro, como por exemplo com línguas dos povos indígenas e africanos, ainda no período colonial e do Brasil escravocrata.

Outro elemento que contribui para que os alunos, principalmente da periferia tenham manifeste essa maneira de falar, gira em torno de questões sociais, visto que Lobov (2008) defende que pessoas de classe média/alta tendem a utilizar a linguagem dentro dos padrões da norma culta de língua portuguesa, enquanto pessoas que, geralmente estão em situação de vulnerabilidade social utilizam o português popular, com uma linguagem coloquial.

É possível elencar mais uma razão pela qual os estudantes costumam fazer a troca dos pronomes “MIM” e “ME”, esse está no campo do som das letras e de sua nasalização. Segundo Albuquerque e Silva (2024) esse fenômeno se dá porque os discentes tendem a nasalizar o pronome ME que na oralidade é dito “MI” com o som da vogal “i” e, quando nasalizado, a pronúncia sai MIM. Come explica as autoras:

É mister frisar que é comum aos alunos pesquisados, ao usarem em suas falas o pronome pessoal oblíquo “me”, nasalizarem-no, pronunciando-o “mim ~ /mĩ/”, podendo ser este um fator que os influencia a levar essa inadequação da fala para suas produções escritas, fenômeno observado nos dados relatados neste tópico. A nasalidade, pelos falantes em questão, do pronome “me” ~ /mĩ/ é um processo fonológico facilitado pela presença da vogal média “e” pronunciada, nesse caso, como vogal alta “i”, junto a uma consoante nasal bilabial “m”. (Albuquerque e Silva, p. 60, 2024)

Dessa forma, é fulcral que o ensino da língua portuguesa precisa se alinhar com a escuta atenta à realidade dos estudantes. Em vez de apagar ou desprezar as formas populares, a escola deve valorizá-las e mostrar que a norma culta é apenas uma das várias formas legítimas de expressão. Essa postura promove um ambiente educacional mais inclusivo e respeitoso, onde o aluno se reconhece e pode se desenvolver plenamente.

Educar, nesse sentido, é construir pontes entre mundos linguísticos diversos e não erguer muros de exclusão. Como lembra Kleiman (2008), “a escola precisa reconhecer o aluno como sujeito de linguagem, com sua história, sua cultura e seu modo de dizer o mundo”. Assim, a língua deixa de ser apenas regra para ser território de vida, memória e identidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, José Kelli Santos Ibiapino. **Da fala para a escrita: um estudo sobre a variação no uso dos pronomes oblíquos me x mim por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental**. Teresina, PI: 2025. Dissertação (Mestrado).

ALBUQUERQUE, José Kelli Santos Ibiapino; SILVA, Ailma do Nascimento. **A troca do pronome pessoal oblíquo átono *me* pelo tônico *mim*: um estudo sob a perspectiva da nasalidade**. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 30, n. 88, jan./mai. 2024.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 18. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Linguagem e Exclusão Social**. São Paulo: Contexto, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Linguística Aplicada: perspectivas e desafios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 23. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Nova gramática do português contemporâneo** / Celso Ferreira da Cunha, Luis Filipe Lindley Cintra . – 7. ed.. - Rio de Janeiro : Lexicon, 2016.

KLEIMAN, Angela. **Linguagem e Educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, D. **História do contato entre línguas no Brasil**. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A., and RIBEIRO, I., orgs. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 41-73. ISBN 978-85- 232-0875-2. Available from SciELO Books .

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola. 2008 [1972]

NEVES, Maria Helena de Moura. **Desvendando os Segredos da Língua Portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2003.

SILVA, Emanuela Rodrigues da O PRONOME MIM NA ORALIDADE DO PORTUGUÊS PAULISTANO : UMA PERSPECTIVA (SOCIO)LINGUÍSTICA / Emanuela Rodrigues da Silva. -- Araraquara, 2023 44 p.

Schneuwly, B.; Dolz, J.; Noverraz, M. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: **Schneuwly, B.; Dolz, J. Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.